

## Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

### Histeria

*Por Silvia Brandão Skowronsky\**

Freud, um médico vienense, estudou a Histeria na França, em Paris, quando se especializou em neurologia com Charcot. A Histeria, na época, estava ainda relacionada ao útero, e era considerada uma doença de mulheres. Nesse contexto, Freud, curioso e atento, descobriu que os sintomas das paralisias histéricas no corpo, seguiam caminhos aleatórios e sem razão neurológica. Utilizando o método da hipnose, ele percebeu que os sintomas desapareciam e reapareciam. Diante dessas observações, concluiu que os sintomas físicos não tinham causa orgânica, menos ainda neurológica. Além disso, descobriu que a sugestão do método hipnótico não alcançava resultados duradouros.

Desafiado, Freud constrói um novo modelo teórico, e um método relacionado com esse modelo conceitual: a Psicanálise. A Histeria levou Freud a postular o inconsciente e a inventar a Psicanálise. Uma nova concepção de vida psíquica. Descoberta que excedeu a lógica típica da ciência e transformou a filosofia da consciência. Inaugura, assim, um modelo revolucionário, que encontra sentido na “lógica ilógica” do atemporal inconsciente, dimensão da singularidade de uma história individual. O método é o marco histórico conceitual da fundação da Psicanálise. Propõe o *controle da sugestão*, mediante a *neutralidade*, que significa campo sem julgamento, e a *atenção flutuante*, posição para não atribuir sentido antecipado. Para o paciente, a *regra da associação livre*, que significa o convite a dizer tudo que se pensa sem censura, e o uso do *divã*, que favorece a inibição motora, facilitando a regressão tópica, propícia à produção do inconsciente. Desde então o método é invariável, mudando-se apenas a técnica, que se amplia, ou se transforma.

O método da Psicanálise é através da *palavra*, cujo propósito é o conhecimento profundo de si mesmo para pensar e elaborar soluções. Freud reúne a *palavra com a cura*, quando abre a narrativa do silêncio para o relato, oportunidade para alcançar um novo caminho de transformação do sofrimento psíquico. A cura do sofrimento está atravessada pela questão do desconhecimento, sobre a causa ou a origem. Portanto, paradoxalmente, o próprio sujeito que padece tem em si a chave para compreender e se transformar. Essa foi a grande descoberta da psicanálise que configurou um modelo de cura que

supõe recuperar a consciência de verdades próprias, que estavam ausentes, ignoradas, causando dores e sofrimento.

A Psicanálise descobriu o singular subjetivo, onde importa o relato possível. Cada narrativa relata e conta a versão particular e única daquele sujeito psíquico, suas circunstâncias pessoais. Dentro dessa diversidade, estão imersos a multiplicidade e o imprevisível. Freud considera que o poder dos sintomas nasce do peso da verdade histórico-vivencial. Na experiência humana de crescimento tudo depende de como se elabora o viver que surge no caminho. Esta posição é a garantia conceitual da singularidade. Significa, que além de sobreviver, importa a construção de complexidades psíquicas. Freud notou a diferença entre ação e pensamento, e propõe a ideia de um psiquismo, o conceito de inconsciente e a sexualidade infantil. O Psiquismo é o lugar da imaginação, da criatividade, e da invenção, mas também lugar da contradição e de conflitos. O Psiquismo trabalha, como no sonhos, no luto ou nos sintomas que produz. O atemporal inconsciente desafia a lógica, com invenções ilógicas, plenas de sentido. Um sujeito singular é múltiplo. É impossível generalizar, pois sabemos que inexistem uma teoria abrangente ou explicativa de toda a complexidade humana.

O tempo é um desagravo às resistências com a Psicanálise. Há 100 anos, a Psicanálise se propõe a interrogar o sofrimento, a angústia e o ilógico, para recuperar palavras esvaziadas, o sem sentido, ou para entender as ideias desligadas da experiência vivida. É preciso derrotar distorções antigas ou atuais com a maior arma de que dispomos: o conhecimento que a Psicanálise descobriu! Vivemos em uma atualidade veloz. O novo logo vira o antigo, apenas velho, ou é um anacrônico que insiste e obstrui o atual, misturando o ontem e o hoje? Todos nós temos mil maneiras de nos contar! Nesses desenhos pessoais é onde se incluem os recursos assim como os desamparos, e sofrimentos. O extraordinário, o ordinário e o aleatório compõem o viver! Entretanto, o sofrimento demanda solução. Repetir, repetir até transformar!

Histeria é o nome genérico de uma experiência subjetiva, cujo sentido é uma construção particular, complexo de definir. A Psicanálise não é um espaço para certezas, mas sim para interrogações. Afinal, que lição a Psicanálise nos ensinou? A Psicanálise não corresponde a uma visão de mundo, nem define a norma do normal. É uma ferramenta de mudança, de transformação do sofrimento.

A Psicanálise é um método para alcançar o atemporal inconsciente, e abrir uma dimensão para a experiência subjetiva fazer o tempo criar temporalidade e, assim, uma história própria, pensável. Não explica, indaga para alcançar as invenções (inconscientes) ilógicas plenas de sentido, para nomear aquilo “velho e antigo”, como num despir e vestir com o sentido novo, do saber (re)nomeado, uma nova configuração. Ou ainda para construir, historizando, sobre

aquilo sem sentido, nunca pensado. No que consiste a cura senão nessa fantástica e simples transformação, de um desconhecer para uma recuperação de um saber ausente de si mesmo, na restauração de uma ignorância de si. Um modo especial de utilizar o conhecimento sobre si próprio, das emoções, e enfim, do tempo e da importância de se tomar posse da história, para saber pensar. Inclusive para praticar uma arte singular de repetir, repetir, até ficar diferente.

\* Silvia Brandão Skowronsky é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.